



LIBERTAS
QUE SERA
TAMEN



MANUTENÇÃO DA LIBERDADE

MAINTAINING LIBERTY

POR BERGLIND JÓNA HLYNSDÓTTIR

Às vezes me pergunto para quem fui realmente construído. O que é que meu pai, o arquiteto, e minha mãe, a cidade, desejavam para mim? Se eu mudar, estarei desafiando os dois ou mudar é exatamente o que eles esperavam de mim? Agora que meus vizinhos estão mudando ainda mais rapidamente, às vezes me sinto irrelevante e meio fora de moda. O primeiro a aparecer por aqui foi meu vizinho em estilo art déco flamboyant, o Palácio Cristo Rei, nos anos 40, e, como dizem, “Na hora da adversidade, não perca as esperanças, pois a chuva de cristais cai de nuvens negras” (provérbio persa). E que grandes amigos nós nos tornamos! Aqueles sim eram dias de vinho e de cristal! Nos anos 50, foram os modernistas que se mudaram para cá. Eram os Niemeyer – aquele lá é o Edifício Niemeyer, e nós costumávamos achá-lo um pouco difícil – logo ali fica sua irmã, a Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, que nós preferimos chamar de Biblioteca da Praça da Liberdade. (Eu sempre me perguntei se ela não deveria ser o arquivo oficial da liberdade.)

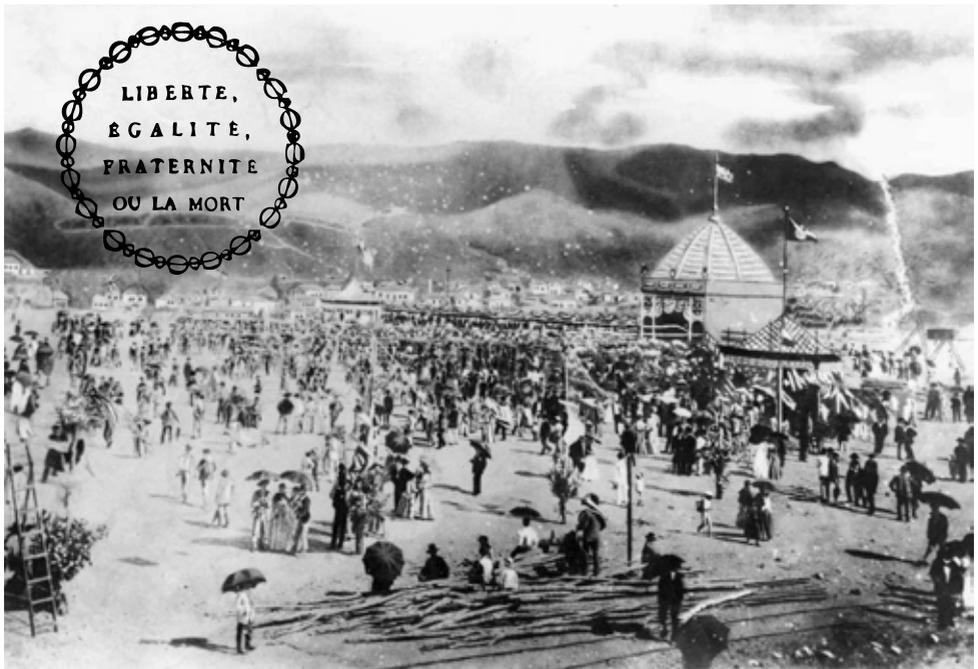
Eles vieram com suas ideias racionais de colocar a função antes da forma – “máquinas de viver”, diziam. Mas com o passar do tempo eu percebi que também queriam ser bonitos, com todos aqueles azulejos e curvas tão femininas. Eles também queriam despertar olhares de admiração. Depois, vieram os pós-modernistas, com seu jeito meio maluco, como vocês podem ver logo ali. Nós a chamamos de “Rainha da Sucata” – e como ela era odiada! Mas ela superou tudo e hoje em dia podemos até dizer que está envelhecendo bem. Como vocês podem ver, tem uma turma bem colorida rodeando esse negócio todo da liberdade. Sobraram poucos de nós do grande plano geral desta cidade com esse horizonte tão bonito. A maioria dos meus velhos amigos está desaparecendo nesta paisagem urbana em constante mudança, e os nossos antepassados do Curral del Rey estão praticamente esquecidos no caos. Escondido na Avenida Prudente de Moraes está o Museu Histórico Abílio Barreto – a casa da antiga Fazenda do Leitão. Há ainda outro edifício no meio da cidade, chamado “Fazendinha”, que ficava na antiga Fazenda do Capão, mas ele está em péssimas condições. No meu tempo, se dizia que “A boa fazenda nunca fica por vender”, mas nesse caso chega a ser até um pouco irônico.

Às vezes não tenho certeza se deveria estar triste com toda essa constante maré de mudanças. Eu poderia muito bem escolher ser um pobre coitado melancólico e viver das glórias do passado. Ou será que devo ser um futurista e me antecipar ao que está por vir, no limiar de algo novo, abrindo novas fronteiras, mesmo vestindo essas minhas roupas velhas, mas imbuído de uma cabeça moderna, encarnado pelos novos cidadãos desta cidade mutante, em um país que também avança rumo a fronteiras desconhecidas? Será que é hora

Sometimes I wonder for whom I was really built? What is it that my father, the architect, and my mother, the city, had hoped for me? If I change do I defy them or is changing what they expected of me? Now that my neighbors are changing ever faster sometimes I feel irrelevant and dated. First to come was my flamboyant art deco friend Palácio Cristo Rei in the 40s and, as they say, “In the hour of adversity be not without hope For crystal rain falls from black clouds” (Persian Proverb). And what grand friends we be came—those were the days of crystal and wine. In the 50s, the modernist moved in with Niemeyer – that one there is Edifício Niemeyer we just called him difficult or difícil and his brother Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa over there that we prefer to call Biblioteca da Praça da Liberdade. I always wondered if he shouldn't be the official archive of liberty. They came with their rational ideas of function before form—living machines they said. With time I realized of course they also wanted to be beautiful with their azulejos and feminine curves and to be looked at with soft eyes of admiration. Then the postmodernist came with their crazy ways as you can see over there, we named her: Rainha da Sucata and how they hated her—but she grew on them and she ages well. As you see, it's a colorful bunch surrounding this business of liberty. There are only a few of us left from the grand plano geral in this city with the beautiful horizon. Most of my oldest of friends are fading in this ever-changing cityscape and our forefathers of Curral de Rey are all but forgotten in the chaos. Hidden on Avenida Prudente de Moraes is Museum Histórico Abílio Barreto, a casa da antiga Fazenda do Leitão and another building exists in the midst of the city called Fazendinha that was located on the ancient Fazenda do Capão, but it is in very poor state. In my time we used to say “A boa fazenda nunca fica por vender” “The good farm and the good goods will never be left unsold”, but in this case it becomes a bit ironic.

Sometimes I'm not sure if I should be sad in this fluid tide of change. I could easily decide to be miserable and melancholic and then revel in my glorious past. Or should I be a futurist and stand at the frontier of what is coming on the verge of something new, pushing borders in my old cloths, but infused with a modern mind embodied by the new citizens of this changing city of a country on the run to fresh frontiers. Is it time for me to loose my formal mode of speaking and recite slang to associate myself with the darling teens of the city? Nossa, veio, que legal (massa)! E aí, veio, beleza?!

I am all for being brave and forward thinking, but sometimes I just “miss the comfort of being sad” as



Foto/Photo: Arquivo Público Da Cidade De Belo Horizonte - APCBH/Coleção José Góes

de relaxar esse meu jeito formal de falar e declamar algumas gírias para me aproximar dos queridos jovens de nossa cidade? Nossa, veio, que legal (massa)! E aí, veio, beleza?!

Na verdade, eu sou totalmente a favor de ser corajoso e de pensar para a frente, mas às vezes simplesmente “sinto falta do conforto de estar triste”, como alguém já disse certa vez.

Então, o que é que eu represento? É minha arquitetura ou meu uso que me define? Será que minha fachada me condena a ser um pequeno burguês, um mero elemento decorativo em um belo jardim ou será que meu uso é capaz de me redefinir? Quem são meus clientes ou usuários finais, como se diz por aí no mundo corporativo? Será que os pombinhos que se aconchegam em mim para almoçar e ficar juntos fazem de mim o coreto do amor? Amor, em alemão, se diz “liebe”, mas vida, “liber”, portanto, “liberdade”. Um lugar livre para o amor. Eu posso ouvir os amantes sussurrando: querida, gatinha, te adoro, fofinho, meu amor, meu coração, minha vida – esses casos de amor por aqui são intensos e apaixonados, e isso me deixa todo agitado: o coreto do amor (ele diz isso suspirando).

Há quem diga que prefere minha sombra e gosta de se sentar no meu chão fresquinho e limpo durante os dias de sol. Há também pessoas que procuram abrigo e descanso aqui dentro, naquelas

someone once said.

So what is it I represent? Is it my architecture or use that define me? Does my shell deem for me to be petite bourgeois, a mere decoration in a pretty garden or can my use redefine me. Who is my customer or end users as they say in the commercial world? Do the lovebirds that nest in me to lunch and to ficar with their lovers make me the coreto of love of “liebe”(German), “liber” and, therefore, liberty as a free place to love. I hear them wispering querida, gatinha, Te adoro, fofinha/o, meo amor, meu coração, meu vida —their love affairs are intensely amorous and it makes me feel fuzzy inside: o coreto de amor (he says in a breathy way).

People also say they prefer my shadow and to sit in the shade of my clean floors during sunny days. And there are those who seek shelter and sleep inside of me on those cold, cold nights when it rains and home is far away or just not to be found. So I am the shadow, the shade, the shelter and whatever else they think of to use me for.

But what is my responsibility to these people, am I to blame for their inequalities? Is it my role to change the city, to change their behavior? I am just one structure, a part of a whole quilt of my mother, the city. Am I liable for the state I was born in, with its state of affairs? If I



Foto/Photo: Arquivo Público Da Cidade De Belo Horizonte - APCBH/Coleção José Góes

noites frias e chuvosas, quando estão muito longe de casa ou simplesmente não têm casa para voltar. Então eu sou a sombra, o frescor, o abrigo e qualquer outra coisa para que possa ser usado.

Mas qual é minha responsabilidade para com essas pessoas? Posso ser culpado por suas desigualdades? É meu papel mudar a cidade, mudar seu comportamento? Eu sou apenas uma estrutura, uma parte da colcha de retalhos que é minha mãe, a cidade. Serei eu o responsável pelo estado em que nasci, pelo estado atual das coisas? Se eu mudar meu papel, será que isso vai afetar as pessoas, afetar minha posição na cidade?

Quem sou eu para criticar? Sou apenas um coreto e só consigo ver a cidade daqui, da minha perspectiva pessoal, dos jardins da liberdade. Sou mineiro, mas sou meio estrangeiro também, o que me deixa um pouco lá e cá. Venho de uma história de coretos originários da China e da Turquia, que só se tornaram populares na Europa no século XIX. Meus laços conceituais me ligam à Revolução Francesa, mas meus amigos me chamam de escandinavo quando querem tirar sarro do meu jeito liberal. Pois eu acho que a melhor coisa que faço é falar sobre o que me preocupa e tentar fazer alguma coisa para melhorar, em vez de simplesmente fingir que está tudo bem, adotando uma atitude passiva e contemplativa.

change my role will it affect them, affect my position in the city?

Who I am I to criticize? I am just one coreto and can only see the city from here, from my personal perspective from the liberty gardens. I am a mineiro but "sou meio estrangeiro também", which leaves me somewhere between here and "there". I come from a history of bandstands originating from China and Turkey only becoming popular in the 1800s in Europe. My conceptual ties are to the French Revolution, but my friends call me Scandinavian when they make fun of my liberal ways. I guess I believe I do more good daring to talk of the things that trouble me and in attempting to do something to make them better then pretending that all is good and rendering myself passive.

So I ask, what is the quality of life we mineiros seek for? Liberty although late like the flag says? Is it equality, freedom, education, health, social agency, friendship, love?

How are these questions of the quality represented in the qualities we want of public spaces? Does a bench equal friendship, the sidewalk society, the trees our need for nature, a coreto love? How does the urban space compensate for these values? Is it assigned to them or are they inherent in their design? What values do I harbor

Então eu me pergunto o que é a qualidade de vida que nós mineiros procuramos? “Liberdade ainda que tardia”, como diz a bandeira? É igualdade, liberdade, educação, saúde, poder de mudar as coisas, amizade ou amor?

Como será que essa questão da qualidade está representada naquilo que esperamos dos espaços públicos? Será que um banco significa amizade? A calçada – a sociedade? As árvores – a nossa necessidade de natureza? Um coreto – o amor? Como é que o espaço urbano compensa esses valores? É uma coisa inerente ao próprio design das coisas ou são funções que são atribuídas a elas? Quais são os valores que eu abrijo, sendo um filho da nova república, inaugurado no despertar de novas liberdades? Fui inspirado na Revolução Francesa, mas forjado com Versailles em mente, e isso faz de mim uma imagem da revolução e, ao mesmo tempo, daquilo contra o que ela se dirigia. Talvez essa contradição interior seja a fonte de meus tormentos internos. Ironicamente, embora eu tenha sido projetado durante uma época chamada de pré-modernismo, o despertar do pensamento racional, alguns dizem que eu já era pós-moderno, com minha miscelânea de referências, então talvez eu não seja assim tão diferente da minha querida Rainha da Sucata ali.

Seria eu um agente da liberdade positiva ou negativa? Será que o dia é positivo e a noite é negativa? – Bem, eu tomo meus remédios com açúcar – o bom com o ruim – utili dulce!

Para mim, a noção de justiça para todos foi concebida com uma inerente discriminação por raça, sexo e classe social. Meus novos vizinhos, os recém-nascidos, têm a possibilidade de ser construídos a partir de novos valores, mas será que a sociedade vai querer isso? Ou será que vai apenas manter neles as desigualdades herdadas do passado e colocá-los ao lado dessas velhas belezas históricas? Tomara que tenham a ousadia de defini-los com novos valores e projetá-los com algum charme contemporâneo. O problema de ser arquitetura é o de ser algo publicamente concreto. Quem dera minhas estruturas fossem fluidas e flexíveis como as instituições que nos rodeiam, que mudam de forma e função quando querem.

Às vezes me preocupo que ideias velhas, impraticáveis e estereis estejam incorporadas no meu projeto, mas espero que as pessoas que me usam me livrem de ser irrelevante. Eu quero ser colonizado, mas não no sentido agressivo, e sim no sentido mais feminino de ser habitado, de me tornar um lar, de ser mantido com cuidado e amor. Para que as pessoas vejam o meu potencial e me usem para pôr em prática essa capacidade – para que as pessoas estabeleçam meu papel através do uso e da prática.

as the child of the new republic, inaugurated at the dawn of new liberties? I was inspired by the French Revolution but still coined with Versailles in mind and in that way I am both an image of the revolution and what was being revolted against. It is this inner contradiction that might be the source of my internal torment. Ironically, although I was designed during a time called pre-modernism, the dawn of rational thinking, some say I was already a postmodernist with my mismatch of references, so maybe I am not so unlike my fair lady Rainha da Sucata over there.

Am I an agent of negative or positive freedom? Is positive the day and negative the night—I take my medicine with sugar—the good with the bad—utili dulce!

For me the notion of justice for all was conceived with inherent discrimination by race, sex and class. My new neighbors, the newborns, to come have the possibility to be constructed from new values, but will society want to or will it just maintain within them the inherent inequalities of the past and allocate within them old historical beauties? Might they dare to define them with new values and design them with contemporary charm? The problem of being architecture is one of being publicly concrete. I wish my structures were fluid and flexible like the institutions that embody us that change form and function when they like.

Sometimes I worry that old, impractical and fruitless ideas are embedded in my design but I hope the people who use me will liberate me from being irrelevant. I want to be colonized, not in the aggressive colonial sense, but in the more feminine sense of being inhabited, be made home of, be maintained with loving care. For people to see potential in me and utilize me to fulfill that capacity—for people to negotiate my role through use and practice.

We, the liberty square, and I were to be fabulous. We marked the beginning of a new era of independence and republic, where new liberties were attained by the “povo”. We were to be as grand as the gardens of Versailles, built in an eclectic and neoclassic style. We were created at the foundation of the new capital of Minas Gerais 1895-1897. We were to become a new, hygienic, rational and radical visual icon for the republic and the state of Minas and an emblem of new political convictions. I was to mark the beginning of something ...new and exciting, but I was also an indicator of the end of something else, my creation marks the time, we mineiros left our colonial roots behind us in Ouro Preto and it designates the end of slavery in Brazil. I am born out of this moment of separation

Nós – a Praça da Liberdade e eu – fomos feitos para sermos fabulosos, gloriosos. Marcamos o começo de uma nova era de independência, a república, em que novas liberdades foram alcançadas pelo povo. Era para sermos tão grandiosos quanto os jardins de Versalhes, construídos em estilo eclético e neoclássico. Criados na fundação da nova capital de Minas Gerais (1895 – 1897), fomos pensados como ícones visuais novos, higiênicos, racionais e radicais da república e do estado de Minas e um emblema de novas convicções políticas. Fui feito para marcar o começo de algo... novo e excitante, mas fui também o sinal do fim de alguma coisa. Minha criação marca o tempo em que nós mineiros deixamos nossas raízes coloniais para trás, lá em Ouro Preto, e também o fim da escravidão no Brasil. Eu nasci desta separação entre a velha Ouro Preto e a nova Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Então o meu começo foi também um fim – mas não o fim da desigualdade, do racismo, do machismo e da divisão de classes. Não, foi apenas o começo de uma luta. Eu fui um emblema da nova república, mas apenas em seu começo – uma semente de liberdade que precisava de inúmeros cuidados.

Agora as pessoas passam o fim de semana em Ouro Preto, maravilhadas com a história da qual seus criadores queriam nos livrar. É para essa cidade colonial, religiosa e decorativa, repleta de monumentos coloniais, pouco higiênica e cheia de ideias opressoras do passado que as pessoas viajam para passar o fim de semana e admirar suas delicadas e barrocas estruturas, e sua diferença em relação a isto aqui – a selva de pedra. Mas fazer o quê? Lá ela será preservada e mantida como um museu a céu aberto para a reflexão das futuras gerações.

Meu criador e engenheiro responsável pelo plano geral, Aarão Reis, foi auxiliado nessa empreitada por um sanitarista, uma equipe de arquitetos e outros assistentes técnicos. Ele era um positivista, racionalista, um pré-modernista que acreditava na régua T. Ele quadriculou a cidade com arrogância em relação à natureza, nos moldes do planejamento urbano norte-americano – inspirado em Washington D.C., deixando apenas Afonso Pena como marco de um grande rio que um dia correu das montanhas para o vale. Antes a Avenida do Contorno separou o belo do feio – o organizado do desorganizado. E agora é praticamente só uma rotatória no centro da cidade. Mas ele tinha um fraco pela beleza europeia. Cansou-se do racional e sucumbiu à influência da Paris de Haussmann, como pode ser visto claramente no Parque Municipal de Paul Villons e nos subúrbios da cidade. Ele acrescentou avenidas diagonais para quebrar os ângulos racionais. Nesse sentido, talvez ele fosse pós-moderno mesmo antes do surgimento do modernismo, como eu havia dito.

between old Ouro Preto and the new Belo Horizonte capital of Minas Gerais. So it was an end my beginning, but not the end of inequality, racism, sexism and class division. No, it was only the start of that struggle. I was an emblem for a new republic but only the beginning of it—a seed of liberty in need of multiple caretakers.

Now people spend there weekends in Ouro Preto marveling at the history my creators wanted to free us from. The religious decorative colonial city over crowded with colonial monuments, unhygienic, and full the oppressive ideas of the past, now people travel there for leisure weekends and admire its quaint petite structures and its difference to this the urban jungle. –Mais fazeo que? There it will be preserved to a tee, kept like a museum in the sun for future generations to wonder about.

My creator and the engineer of the plano geral Aarão Reis was assisted by a hygienist, a team of architects and other technical assistants in this endeavor. He was a positivist, a rationalist and a pre-modernist that believed in the T-square. He gridded the city with arrogance to nature in the mode of American city planning, inspired by Washington DC, leaving only Afonso Pena as a marker of a grand river that once flowed from the mountain to the valley. Before ... Avenida do Contorno separated the ugly from the pretty—the organized from the unorganized. Now it is almost simply a roundabout in the city center. But his eye was weak for European beauty, he grew tired of the rational and he submitted to influence from Haussmann's Paris as can be vividly seen in Paul Villans Parque Municipal and in the suburban zones of the city. He added diagonal avenues to break up the rational angles. In that sense, maybe he was already a postmodernist before the dawn of modernism as I said before.

I hear people are nostalgic about the golden days of this city when it was empty and muddy, quite frankly I prefer a life well lived then longing for the past. Memories are just that, stepping stones of the past, lessons learned and forgotten to pave the way to the future.

So how do we, the citizens of this city, negotiate a relationship with the past without being naive and romantic about what it was? I think we can only understand the past from where we stand now, from our perspective in the here and now because time has changed us as much as it has history. We can never revisit what it was, but we can investigate the prescribed intentions of that history by being aware of our roles as the index to any knowledge we draw from it. I, a coreto in the liberty garden, have seen the city from this vantage point since my



Foto/Photo: Arquivo Público Da Cidade De Belo Horizonte - APCBH/Coleção José Góes

Eu ouço pessoas saudosas dos tempos dourados desta cidade, quando ela era vazia e lamacenta. Francamente, eu prefiro uma vida bem vivida do que viver do passado. Memórias são apenas isso. Paralelepípedos do passado, lições aprendidas e esquecidas para abrir espaço para a pavimentação do caminho em direção ao futuro.

Então como é que nós, cidadãos desta cidade, negociamos uma relação com o passado sem sermos ingênuos ou românticos a respeito dele? Acho que só podemos entender o passado a partir de onde estamos agora, de nossa perspectiva aqui e agora, porque o tempo nos modificou tanto quanto modificou a história. Nunca poderemos revisitatar as coisas como elas foram, mas podemos investigar as intenções que a história deixou prescritas, conscientes de nosso papel de equilibrar e pesar qualquer conhecimento que tiremos dela. Eu, um coreto na Praça da Liberdade, tenho visto a cidade deste ponto privilegiado desde minha criação. De algumas coisas eu me lembro, outras decidi esquecer, e essa é a única realidade que sou capaz de conceber.

Fui construído como o coreto da liberdade. Em mim, as marchas e as canções de liberdade deviam ser tocadas e ouvidas. Eu fui erguido no mesmo solo onde se inaugurou a cidade, onde foi instalado um coreto provisório para ser usado em comemorações. Fui concebido a partir desse ambiente festivo e

creation; some things I remember, others I choose to forget, and that is the only reality I can ever conceive of.

I was constructed as the bandstand of liberty, in me the march for and songs of freedom were to roam. I was built on the same grounds as they inaugurated the city, where they built a temporary bandstand to use for the celebrations; I was conceived out of this festive environment and took the place of that bandstand as the coreto of the liberty gardens. I have stood here through progress and decline, through liberty and repression, I have been through numerous phases of decadence and reconstruction, I have been ignored and maintained as the garden of liberty who has been through various states; in 1969, the year after military government initiated AI 5 – Ato Institucional 5, it became the market that is now Feira Híppie. After serving as a market for many years, it was then it was cleaned up and restored to almost its original state in 1991—like a museum to itself. This is the same time that Brazil opened up to external markets. Maybe this treatment of Praça da Liberdade reflects how liberty was being treated. It was the place of protest for professors wanting a fairer wage in the 70s, which ended up with the Palácio da Liberdade being closed off by the protesting masses, hence those gates where raised.



Foto/Photo: Arquivo Público Da Cidade De Belo Horizonte - APCBH/Coleção José Góes

toimei o lugar daquele outro palco como coreto dos jardins da liberdade. Estive aqui parado durante o progresso e a decadência, durante a liberdade e a repressão. Passei por muitas fases de decadência e de reconstrução. Fui ignorado e mantido, assim como o jardim da liberdade, que também já passou por várias fases. Em 1969, um ano após o governo militar emitir o AI 5 – Ato Institucional 5, ele se tornou o lugar para um mercado, a Feira Hippie, por muitos anos, e depois foi limpo e restaurado até praticamente voltar a sua fisionomia original em 1991— como um museu de si mesmo – o mesmo ano em que o Brasil se abriu ao mercado externo. Talvez esse tratamento da praça reflita como a liberdade era entendida. Recebeu os protestos de professores por melhores salários nos anos 70, que culminaram com o fechamento do Palácio da Liberdade pelos manifestantes. E é por isso que aqueles portões foram erguidos.

Agora esta área que foi o centro da política, o lugar político da cidade – uma referência para aqueles que queriam resistir ao governo ou utilizar seus serviços – está sendo re-desenvolvida. As repartições públicas que existiam ao redor desta praça foram despachadas para a nova Disneylândia de Niemeyer, nos arredores da cidade. Os que já foram até lá me dizem que fica a mais de uma hora de ônibus, e depois mais uma longa caminhada do ponto de ônibus até os escritórios.

Now this area that has been the center of politics, the most political place in the city—a reference to those who wanted to resist government or access its services is under development. The government offices that once surrounded this public square have been shipped off to a new Niemeyer Disneyland in the outskirts of the city. They tell me those who have been there that it's more than an hour by bus and then a long walk from the bus stop to reach the headquarters. For me, new architecture is always somewhat exciting and sometimes necessary for new political infrastructures to thrive and I feel that sometimes old buildings like me breed conventions and halt progress, but I wonder what happens when you displace the thousands of government workers who now no longer come to visit me in their off hours and move official critical services to the suburbs. How does that effect the people in need of those services, the micro economies that live off the workers lunch hours and daily spending in the downtown area and who will replace them? Many of my friends that I spoke of before tell me they are being renovated, reinvented as cultural institutions sponsored by different private economical entities in the city. They describe to me the feeling of being emptied out, scraped, cleaned, repainted and re-inhabited and they say they feel funny inside with all these transitions taking place

Para mim, arquitetura nova é sempre de algum modo excitante e às vezes necessária para que novas infraestruturas políticas possam se desenvolver e prosperar. Às vezes, penso que construções antigas como eu reproduzem velhas convenções e impedem o progresso, mas também me pergunto o que acontece quando se deslocam para os subúrbios serviços essenciais e milhares de funcionários públicos, que agora não virão mais me visitar em seu tempo livre.

Como isso afeta as pessoas que precisam desses serviços, a microeconomia que gira em torno dos horários de almoço e dos gastos diários daqueles funcionários na região do centro da cidade? Quem vai ficar no lugar deles? Muitos dos meus amigos dos quais falei no começo me contaram que estão sendo reformados, reinventados como instituições culturais patrocinadas por diversas entidades privadas.

Eles me descrevem a sensação de ser esvaziados, raspados, limpos, repintados e reocupados, e dizem que sentem uma coisa engraçada com todas essas transições acontecendo em seu interior. Eles sentem a perda, mas esperam por um futuro de ganhos potenciais. Estão confusos e não sabem muito bem o que fazer. O que acontece agora com a liberdade, com a Praça da Liberdade que está sendo transformada na Praça da Cultura Oficial. Afinal, o que tudo isso significa para mim e para eles? Quem serão as pessoas que virão ocupar e visitar esses prédios? Será que elas virão me visitar em dias bonitos, tomando sorvete e me contando a história da mineração em Minas Gerais? Como essas instituições vão afetar a cidade e o papel de nossas outras entidades culturais? Será que vão durar? Serão amadas?

Então, o que você faz em uma praça da liberdade? Caminha livremente? Quais atividades se encaixam nesses jardins da liberdade? E quem deve cuidar desses jardins?

Entre as coisas mais populares para se fazer por aqui estão ler os jornais, correr, namorar, almoçar, tocar violão, ver gente e passear com as crianças.

Dentro de mim, na parte inferior da minha estrutura, há homens trabalhando, vestidos em uniformes azuis e carregando ferramentas daqui para a praça e da praça de volta para mim. Ferramentas para limpar e fazer a manutenção dos jardins. Eles têm vassouras feitas de folhas de palmeira, baldes, rastelos e tesouras, tudo o que é preciso para manter a liberdade em boa forma. Hoje os escutei dando risada de um homem que tentou vender a um deles embalagens usadas de cueca, como se fossem caixinhas de presente – “um empreendedor”, eles riam. Falaram também sobre a mulher que aparece toda quarta-feira, senta-se debaixo da fonte das Três Graças e reza sozinha. Especularam um pouco sobre o que será que ela tanto reza, e logo se ocuparam de outra tarefa e

within them, they feel a loss, but also await a future of potential gain, they are confused and don't know what to make of this. What happens now to liberty, to Praça da Liberdade that is now being transformed into Praça da Cultura Oficial and what does that mean for me and for them? Who are the people who will come to occupy these buildings and visit them ----Will they visit me on good days with ice creams in their hands and recite for me the history of mining in Minas Gerais? How will these institutions affect the city and the role of our other cultural entities? Will they last and be loved?

So what do you do on a square of liberty? -----Walk freely?

What activities are suited for the gardens of liberty? And who is to maintain these gardens?

Among the more popular things to do here seem to be reading the news, jogging, cuddling, having lunch, playing guitar, watching people and child rearing.

Inside of me in my lower structure there are men at work, they wear blue costumes and carry equipment from me to the praça and back, equipment for cleaning and maintaining the garden. They have brooms with palm tree leaves, buckets, rakes and cutters; everything needed to keep liberty in good shape. I hear them telling stories at lunch of the people they encountered in the garden. Today I heard them laughing about man who tried to sell one of them used boxes from men's underwear to use for packaging presents—“entrepreneur”, they laughed. They talked about the woman that always comes on Wednesdays and sits by the fountain Três Graças and prays to herself. They wondered for a moment about what she prays for and then they moved on to other chore and speculations. I am grateful to them because they, inhabit me, keep me clean and make sure I am not maltreated. These men in blue cut the grass of the liberty gardens and keep it clean, but what is our role in maintaining liberty in this city we share?

I think in keeping with liberty we need to be willing to step into the negative spaces of what is not here anymore and revisit the ideologies that formed the city. We need to visit individual buildings that were constructed at different times to understand how their values still come into play in this cacophony called a city. So that we are not misled by them and there quaint beauty, so we can understand what it is we need to renovate within them and what we need to create as juxtapositions to them. What it is we are changing when we shift their roles. We need them as guides as to what type of structures to build for the futures we dream of.

outras especulações. Sou grato a eles porque eles me habitam, me mantêm limpo a garantem que eu não seja maltratado. Esses homens de azul cortam a grama dos jardins da liberdade, o mantêm limpo, mas qual é o nosso papel para manter a liberdade nesta cidade que compartilhamos?

Eu acho que para manter a liberdade precisamos estar dispostos a avançar nos espaços negativos daquilo que não está mais aqui e revisitar as ideologias que formaram a cidade. Precisamos visitar diversos prédios, que foram construídos em épocas diferentes, para entender como seus valores ainda estão em jogo nesta cacofonia chamada cidade. Assim, não seremos enganados por eles nem por sua delicada beleza e poderemos entender o que é preciso renovar neles e, ao mesmo tempo, o que é preciso criar em justaposição a eles. O que é que estamos mudando quando modificamos seus papéis? Precisamos deles como guias para o tipo de estruturas que devemos construir para o futuro com que sonhamos.

Quando somos muito positivos, nos tornamos ingênuos – quando somos muitos negativos, nos tornamos destrutivos. Precisamos da dupla voltagem do positivo e do negativo, para criar a tensão que dá origem ao equilíbrio através desse estado de conflito. Quando nos tornamos muito autoconfiantes, descuidamos de nossas fraquezas e ficamos expostos a nossas próprias falhas.

Então, o que fazer agora? Como continuaremos a construção desta cidade de ideias conflitantes? Qual deve ser nosso olhar em relação à selva de pedra? Para mim, está na manutenção do potencial de mudança, já que tudo é apenas uma proposta, uma ideia formada como solução de um problema. Os critérios mudam, e a cidade também. Uma cidade museu é uma cidade morta e uma cidade sem história é uma cidade ingênua, que certamente vai sucumbir perante sua própria falta de memória.

Como nós podemos repensar a qualidade do espaço público em uma cidade onde metade da população está em exílio voluntário e a outra metade está em exílio forçado? O que é que sobra nesses espaços entre os lugares, nessas áreas que compartilhamos, como os jardins da liberdade?

Quando dizemos que os lugares que não pertencem a entes privados não são respeitados porque não têm dono, nós nos esquecemos de que somos nós mesmos que temos a concessão desses espaços e que eles são reflexo da negligência ou do cuidado que temos com eles. Nós somos o Povo, a Polis, o público desta cidade que vem construindo shopping centers em vez de lugares públicos, condomínios em vez de bairros. Permitimos que sejam construídos shoppings em áreas que certamente sugarão a vida do centro da cidade, e depois nos perguntamos por que a cidade parece estar se desfazendo. Nós somos o público desta cidade que foi,

When we are too positive we become naïve— when we are to negative we become destructive. We need the dual voltage of + (positive) and - (negative) to create tension from which an equilibrium can form, through their state of conflict. When we become to fall of ourselves, we neglect our weaknesses and fold to their inherent failures.

So what to do now? How do we keep constructing this city of conflicting ideas, what is our vantage point in the urban jungle? For me it is in maintaining potential for change, everything is just a proposition, an idea formed as a solution to a problem— the criteria changes and so does the city. A city as a museum is a dead city and a city without history is naïve and will succumb to its lack of memory. How do we readdress the quality of public space in a city where half of the population is in self-chosen exile and the other half in forced exile? What is it that is left in these in between places in the land that we share like the liberty gardens?

When we say that places that are not owned by private entities are not respected because they don't have an owner, we forget that we already hold the lease to these spaces and that they are a part of the neglect or care given to them. We are the Povo, the Polis, the public of this city that has been building malls instead of public places, condominiums instead of neighborhoods. We allow shopping centers to be built in areas where they are sure to suck the life out of the city center and then we wonder why the city crumbles. We are the public of this city that has been moved piece by piece, brick by brick from the public to the private, creating walls, gaps, inequality and abandonment of what should be the public space. How do we meet as a society if we don't ever actually meet and of what can we talk of if we accidentally collide when we have nothing in "common"?

From where do we build a conversation about creating value again in society? When do we decide to stop running from blame and responsibility, when do we stop letting old and dated ideas run society because we are afraid of the mistakes we might make in creating new structures? When do we dare to leave our pessimistic postmodern ways behind us and revisit some of the positive momentum of the past with a critical awareness of our potential failures and where do we start this process?

For me the transformation starts from within because meaning changes through perspective, from use and from the external and internal dialogues we have with it. We strive to understand where we are coming from and then we pull up our sleeves to revive the lost limbs and dismembered bodies of the city to other functions we see



Foto/Photo: Berglind Jóna

peça por peça, tijolo por tijolo, transferida do público para o privado, criando muralhas, fossos, desigualdade e abandono do que deveriam ser espaços públicos. Como podemos nos encontrar como sociedade se na prática não nos encontramos, e sobre o que podemos conversar se nos esbarrarmos por acaso e não tivermos nada em “comum”?

Por onde começamos uma conversa sobre criar valor novamente na sociedade? Quando vamos parar de fugir da responsabilidade? Quando vamos impedir que ideias velhas e fora de moda guiem a sociedade porque temos medo dos erros que podemos cometer ao criar novas estruturas? Quando teremos a coragem de deixar nosso pessimismo pós-moderno para trás e revisitar os monumentos positivos do passado com a consciência crítica de nossas possíveis falhas? Por onde começamos esse processo?

Para mim, a transformação começa de dentro, porque o sentido muda de acordo com a perspectiva, do uso e dos diálogos internos e externos que temos. Lutamos para entender de onde viemos, então vamos arregaçar as mangas para ressuscitar os membros perdidos e os corpos desmembrados da cidade, orientando-os para outras funções para as quais tenham potencial e, assim, construir pensando nessas funções.

Não vamos ficar olhando para fotografias antigas lamentando pelo que já foi – vamos trazer de

potential for in their structures and build on them. Let us not look at old photographs and mourn what is still here—let us bring what is here to life again. What has left we should not mourn for long, because what it left behind is its essence and space for something new to evolve. Imagine the life we would lead if all of our forefathers and foremothers were alive today. Innovation is partially the dying out of old ways and forgetting of old grievances. A part of the creative powers of history are that the archives are in the constant flux of being re-read and reordered. The storage's are leaky and things fall through the cracks because if absolute memory were conceivable, we would buckle under from the pressure of its weight.

I believe it's time for us to re-inhabit the public sphere, to cross pollinate the private and the public, re-colonize the commons for the good of both city and individual. We need to be brave enough to create new systems within which to live because while we don't we will keep living in a web of old values that dictate our lives.

It's time to revisit our ideas of liberty, to ask ourselves what is of value to us in life, what is it that makes us feel good in a place, what makes us feel secure, healthy and happy. Who's role it is to maintain these things in the gardens of Liberty? We need to realize that we are the other and visit the other as ourselves, to put



Foto/Photo: Berglind Jóna

volta à vida o que já está aqui. Não devemos chorar pelo que passou, porque o que ficou para trás deixou espaço para que algo novo evoluísse. Imagine a vida que teríamos se todos os nossos antepassados estivessem vivos hoje. A inovação é, em certa medida, a morte de velhos costumes e o esquecimento de velhas mágoas. Uma boa parte dos poderes criativos da história vem do fato de que os arquivos são constantemente relidos e reordenados. Os lugares de armazenamento permitem vazamentos e as coisas se perdem através de rachaduras. Afinal de contas, se fosse possível a memória absoluta, nós certamente sucumbiríamos sob a pressão de seu peso.

Eu acredito que é hora de reabirmos a esfera pública, de fazermos uma polinização cruzada entre público e privado, de recolonizar as áreas comuns para o bem da cidade e dos indivíduos. Temos que ser bravos o suficiente para criar novos sistemas em que possamos viver, porque, enquanto não o fizermos, continuaremos vivendo presos a uma teia de velhos valores que comandam as nossas vidas.

É hora de revisitar nossas ideias de liberdade, de nos perguntarmos o que nesta vida tem valor para nós, o que é que nos faz sentir bem em um lugar, o que nos faz sentir seguros, saudáveis e felizes. De quem é o papel de manter essas coisas nos jardins da liberdade? Precisamos perceber que somos os outros e encarar os outros como a nós mesmos, colocar a curiosidade na

curiosity before prejudice and visit new horizons for ethics, responsibility and society that will help us let go of outdated structures that guide us to inequality, convenience, ignorance and habit. It is important to remember that we need to renovate preconceptions of race, gender, class and sexuality as we do with buildings that are rundown and to incorporate the new infrastructures we come up with, in the process, within the tangible architectures of the city. There is a need to dismantle useless authority and create new platforms for collaboration or revisit and rethink old ones—like myself—because everything that is here now was created and will be recreated. We need to assume our roles in this cycle, because where we don't others will; often even others who are long gone and could never in their wildest dreams envision where we are at today living in the systems they designed.

To design is to assign value to something, be it formal or conceptual value.

When thinking of infrastructures and buildings like myself, you can debate if there is more potential in watered down and poorly constructed ideas in the city or in the arrogant super constructions for change. I vote that your best guess is always better than hands-off, over simplified, disrespectful ventures of construction. I think

frente de pré-julgamentos e encarar novos horizontes de ética, responsabilidade e sociedade que vão nos ajudar a nos livrar de estruturas ultrapassadas que só nos levam a desigualdade, comodismo, ignorância e mesmice. É importante lembrar que temos que reformar nossos conceitos de raça, sexo, classe e sexualidade assim como fazemos com prédios que estão em mau estado, e incorporar novas estruturas que apareçam durante o processo às arquiteturas tangíveis da cidade. Há necessidade de acabar com as autoridades inúteis e criar novas plataformas para colaboração, ou ao menos revisitar e repensar as antigas – como eu. Porque tudo o que existe agora foi criado e vai ser recriado, e nós precisamos assumir nosso papel nesse ciclo, porque se não o fizermos, outros o farão, às vezes até mesmo outros que já se foram há muito tempo e nunca poderiam, nem em sonhos mais loucos, prever que estaríamos hoje vivendo nos sistemas que eles projetaram.

Projetar é atribuir um valor a alguma coisa, seja ele um valor formal ou conceitual.

Ao pensar em infraestrutura e construções como eu mesmo, você pode se questionar se há mais potencial de mudança em nossas ideias aguadas e mal construídas pela cidade ou nas arrogantes super construções. Minha opinião é que qualquer que seja sua escolha, ela será sempre melhor do que esses empreendimentos desrespeitosos, sem compromisso e totalmente simplistas. Eu acho que independentemente do que for criado, no fim, nossa incumbência de reivindicar, consertar, manter e renovar o que está à nossa volta vai sempre aparecer. A função do nosso habitat nos domina e nossas ações lentamente adaptam os lugares ao tecido social. Nós reciclamos, renovamos, repensamos e então tentamos novamente. Nós assimilamos isso com o tempo, você pode dizer, mas essa atividade, quando é excessiva, mantém a má infraestrutura da sociedade e provoca a superprodução de más ideias, como a de reformar nossas cozinhas a cada dois anos. Precisamos ter consciência desses comportamentos para que seja possível reprogramá-los quando seu modo-padrão tiver se tornado danoso e perigoso.

Mas há outras maneiras de criar coisas em sociedade. Podemos construir coisas com nossas melhores intenções, e então deixar a porta aberta para o fato de que essas foram apenas boas intenções, que nós podíamos estar errados mesmo se tudo que quiséssemos fosse apenas fazer a coisa certa. Isso significa que essas estruturas devem ser repensadas, reorganizadas, ampliadas e até mesmo demolidas, dependendo dos fatores futuros. Precisamos dar a essas criações o status de uma obra aberta e fazer delas espaços comuns que peçam a colaboração de todos. Algo pode ser uma forma sem ser fundamental – uma forma é apenas uma ideia mantida no espaço ao longo

that no mater what is created in the end, our practice of claiming land, mending, maintaining and renovating our surroundings will turn on. Our habitat function takes us over and our actions slowly adapt places into the weave. We recycle, renew, rethink and then try again. We assimilate them through time if you will, but this activity on steroids maintains bad infrastructures in society and over produces bad ideas like renovating our kitchens every other year. We need to be aware of these behaviors so we can reprogram them when their default mode has become hazardous.

But there are other ways of creating things in society, we can construct things by making our best assumptions and then leave the door open to the fact that these are only our best of guesses, that we can potentially be wrong even if we only wanted to do right. Which means that these structures are to be rethought, reorganized, expanded and even demolished depending of future factors. We need to assign these creations the status of an open source and make them creative commons that ask to be collaborated on. Something can be a form without being fundamental—a form is just an idea maintained in space through time and ideas change.

Sometimes this old structure worries at the lack of care being taking of these fundamental values of freedom and civil liberties and is wary of a society that is not supposed to believe in anything but their own personal interests.

A lot of what is really malfunctioning, I believe we are already aware of because it is almost banal in its structure. It's in plane sight and not being dealt with because of learned or deliberate avoidance. We need to refocus our lenses of perspective to see them again.

Now look at me with your soft eyes,

-with your soft eyes

See me only with your soft eyes

-perceive me only with your soft eyes

and tell me you'll remember

-the words we dared

and leave me only

-for something better.



Foto/Photo: Berglind Jóna

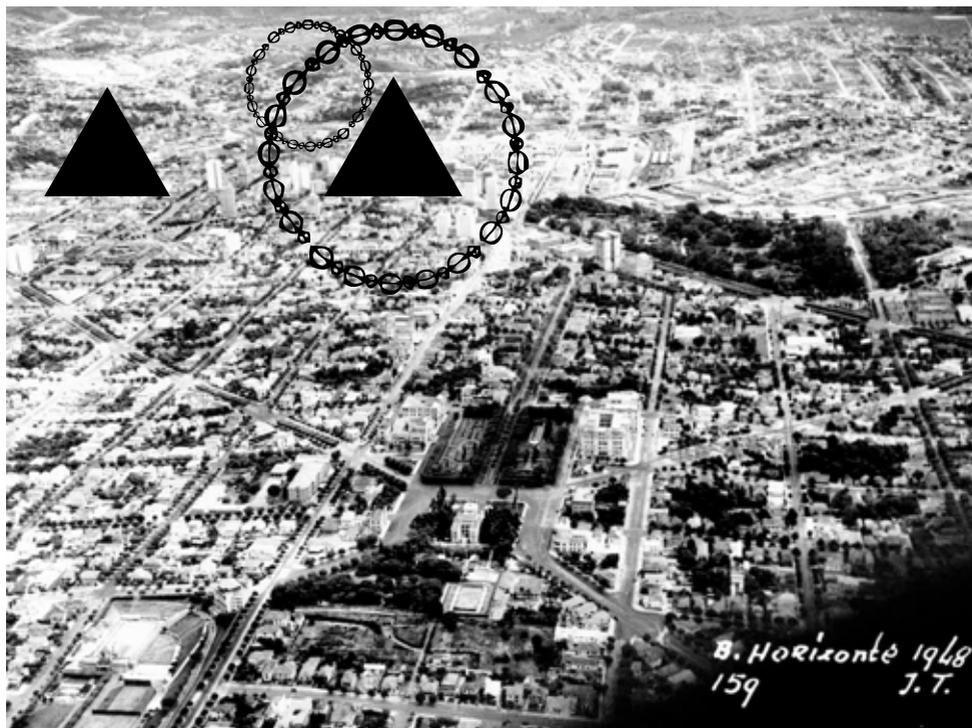
do tempo. E as ideias mudam.

Às vezes, esta velha estrutura fica preocupada com a falta de cuidado com esses valores fundamentais de liberdade e direitos civis, reflexo de uma sociedade que não acredita em nada além de seus próprios interesses pessoais.

Acredito que temos consciência de muita coisa que está realmente funcionando mal e que são coisas até banais. Porém, as vemos com distanciamento e não as resolvemos simplesmente porque as evitamos, seja porque aprendemos assim ou porque queremos assim. É preciso ajustar o foco de nossa perspectiva para que possamos vê-las novamente, com outros olhos.

Agora olhe para mim com doçura nos olhos,
- com doçura em seus olhos
Veja-me apenas com doçura nos olhos
- perceba-me apenas com doçura em seus olhos
e diga-me que vai se lembrar
- das palavras que arriscamos
e que só vai me deixar
- por algo que seja melhor.





Foto/Photo: Arquivo Público Da Cidade De Belo Horizonte - APCBH/Coleção José Góes

Manutenção da Liberdade: entre lembrar e esquecer

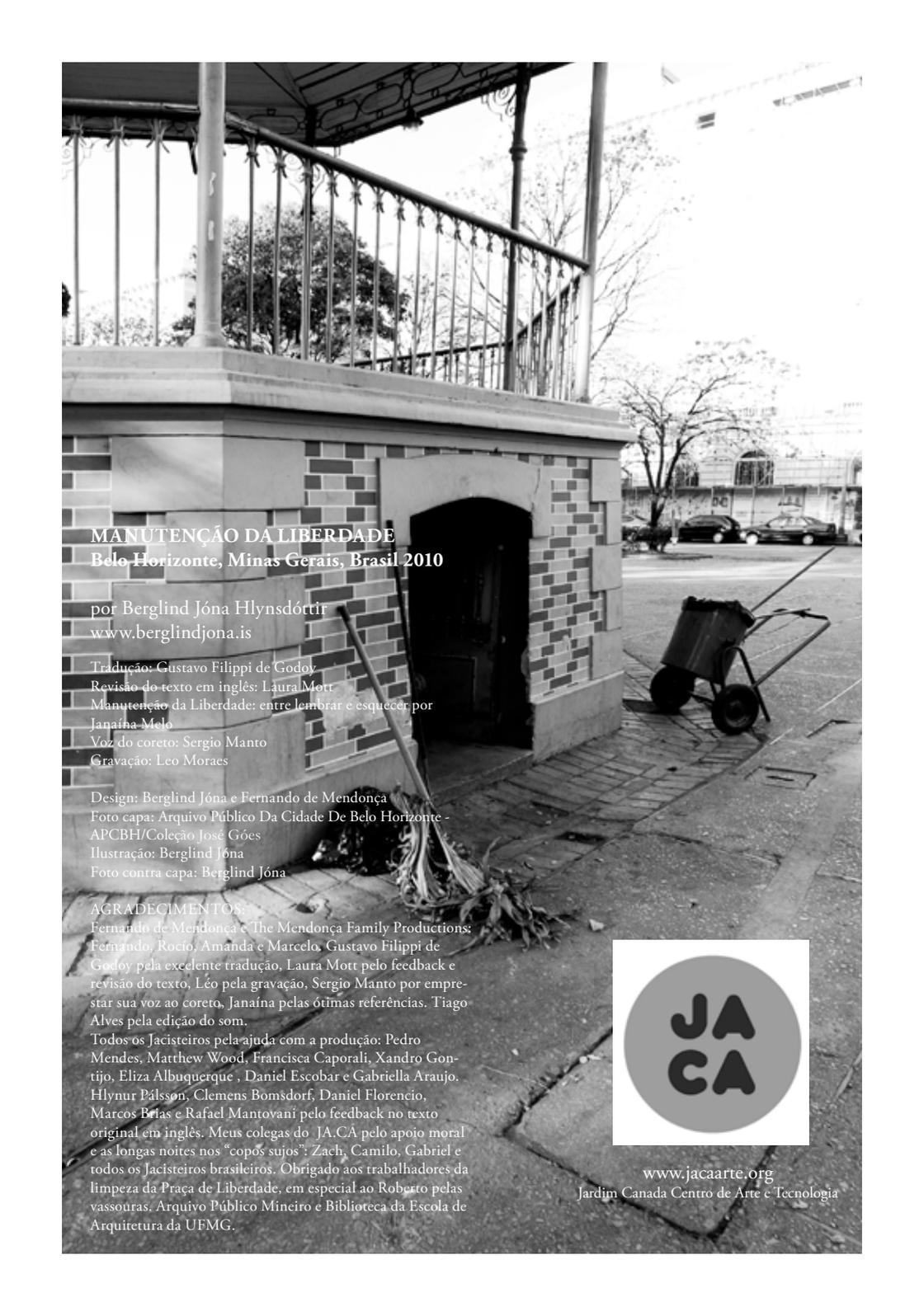
Manutenção da Liberdade dá voz a um monumento tradicional da cidade de Belo Horizonte, o correto da Praça da Liberdade, conjunto arquitetônico que remonta a fundação da cidade no final do século XIX. Ao redor da praça foram construídos o palácio de governo e edifícios administrativos que abrigaram, até recentemente, os órgãos do poder executivo desta que foi primeira cidade planejada do país construída especialmente para ser a capital de um estado da república também recém proclamada. No trabalho, o correto é uma testemunha histórica que presencia a transformação da cidade e, compartilha com o espectador/leitor suas impressões sobre os espaços, lugares pontuando a transformação da cena urbana, mas também política e social. Atento as trocas simbólicas de que é testemunha durante os seus mais de cem anos de existência o correto monumento/narrador torna-se agente preconizador de estratégias críticas, ao mesmo tempo, desafiadoras, divertidas e poéticas sobre a natureza do processo de transformação da cidade.

O relato construído a partir da imersão e pesquisa que a artista realiza na praça, em bibliotecas e arquivos públicos de Belo Horizonte, num certa

medida, guarda relação com momentos importantes da história da cidade. Porém não se compromete com um relato histórico, ao contrário, organiza-se numa linha tênue entre o que é visível e o que permanece na opacidade desses acontecimentos. Fazendo com que as pessoas – como bem destaca Nietzsche no seu texto Dos usos e desvantagens da história para a vida –, reconheçam um instinto forte de quando é necessário sentir-se de modo histórico ou não-histórico. Em Manutenção Liberdade “essa é a proposição a que o leitor é justamente convidado a observar: o ahistórico assim como o histórico são igualmente necessários para a saúde de cada indivíduo, de um povo e de uma cultura.”¹

-Janaina Melo

¹ Apud: SELIGMANN-SILVA Márcio. História, Memória, Literatura. Campinas: Unicamp, 2003, p.61.



MANUTENÇÃO DA LIBERDADE

Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil 2010

por Berglind Jóna Hlynsdóttir
www.berglindjona.is

Tradução: Gustavo Filippi de Godoy
Revisão do texto em inglês: Laura Mott
Manutenção da Liberdade: entre lembrar e esquecer por
Janafna Melo
Voz do coreto: Sergio Manto
Gravação: Leo Moraes

Design: Berglind Jóna e Fernando de Mendonça
Foto capa: Arquivo Público Da Cidade De Belo Horizonte -
APCBH/Coleção José Góes
Ilustração: Berglind Jóna
Foto contra capa: Berglind Jóna

AGRADECIMENTOS:
Fernando de Mendonça e The Mendonça Family Productions;
Fernando, Rocio, Amanda e Marcelo, Gustavo Filippi de
Godoy pela excelente tradução, Laura Mott pelo feedback e
revisão do texto, Léo pela gravação, Sergio Manto por empre-
star sua voz ao coreto, Janafna pelas ótimas referências, Tiago
Alves pela edição do som.

Todos os Jacisteiros pela ajuda com a produção: Pedro
Mendes, Matthew Wood, Francisca Caporali, Xandro Gon-
tijo, Eliza Albuquerque, Daniel Escobar e Gabriella Araujo,
Hlynur Pálsson, Clemens Bomsdorf, Daniel Florencio,
Marcos Brias e Rafael Mantovani pelo feedback no texto
original em inglês. Meus colegas do JA.CA pelo apoio moral
e as longas noites nos "copos sujos": Zach, Camilo, Gabriel e
todos os Jacisteiros brasileiros. Obrigado aos trabalhadores da
limpeza da Praça de Liberdade, em especial ao Roberto pelas
vassouras, Arquivo Público Mineiro e Biblioteca da Escola de
Arquitetura da UFMG.



www.jacaarte.org
Jardim Canada Centro de Arte e Tecnologia